

# Miguel de UNAMUNO Jugo

**A** notícia recente do falecimento do notável iconoclasta do 98, sacudiu-me a esboçar ligeiros traços do seu perfil.

Figura proeminente do pensamento contemporâneo espanhol, a sua personalidade agigantava-se no meio dum Baroja, Azorin, Ortega e Gasset, Valle Inclán, Ayala e Ibanez.

O que o destaca, sobretudo, é a sua natureza trágica; a causa mais causa da sua influência social.

A constante contradicção da obra de Unamuno, por vezes paradoxal e incoerente, a intermitente oscilação de razões contrastantes, tinham de gerar êsse potencial dinâmico, sua característica mais poderosa.

Eternamente embrenhado em conflitos permanentes entre fé e razão, vida e pensamento, espírito e intelecto, êle sintetiza a alma da Espanha actual. Rebuscando a Península de hoje não encontro quem, melhor que êle, seja o exemplo mais perfeito, dessa alma moderna que Goya nos indica em aspectos da sua tragédia.

Unamuno era dêsses temperamentos, que ansiosos de libertar o seu indivíduo, finalizam por o escravizar na cela estreita do seu individualismo.

Como todo o vivente, sob atmosferas modernas, êle não podia alhear-se das influências sociais; depois que a revolução francesa fêz da humanidade um cadeado e de todo o indivíduo um elo dêsse cadeado, o individualismo prático é impossível.

A sociabilidade de Miguel Unamuno era, como a de quasi todos os temperamentos esquizotímicos — eclética e limitada a um círculo estreito —; era mais uma concessão ao mundo exterior por impotência e cansaço duma opposição.

A vibração livre do seu temperamento foi sempre insociável e até egoísta e assim os seus ensaios, mormente «Adentro!», são afirmações éticas, aristocráticas e individualistas. Em «Adentro» o pensamento egoísta aparece expresso, sem reboço, em frases como estas: «¿Contavam contigo?» — «Que aprendam a não contar senão consigo mesmos!» — «¿Que não te entendem? pois que te entendam ou que te deixem!»

A sua experiência de homem civilizado, rápido dava conta do seu dogmatismo temperamental e ei-lo em ligeiras e tímidas concessões, forçado por conveniências sociais — «Que te inchas? pois que se inchem também, que se nos incharmos todos crescerá o mundo!»

Ê, nesta luta contínua, entre o seu *ser social* consciente e a ansiedade libertária do seu temperamento que, repito, reside todo o dinamismo da sua obra. Êle queria enlaçar o seu cristianismo evangélico com as ideias progressivas em matéria económica.

Êle crimina os dogmáticos e quer impôr-nos o seu misticismo.

Êle canta louvores à tolerância e não tolera os que não toleram.

A sua hiper-sensibilidade-psíquica remexe-lhe as entranhas e atira-o para a análise constante do seu *eu*. «Meu centro está em mim», grita êle; por isso o seu feroz individualismo!

Unamuno conhece a antipatia que pode provocar no meio e como homem moderno tem preocupações sociais; daqui o pretender explicar-se; mas o explicar-se é ceder, é comparecer ante juizes, e Unamuno é vasco, filho dessa região que nunca tolerou árabes nem romanos. Desta luta entre vontade consciente e inconsciente saem incoerências habilidosas e inteligentes.

Todos reconhecem profundidade à sua poesia, porém todos ou quasi todos lhe criticam a forma que acham feia, dura e impotente. Os seus versos, solilóquios ardentes, ironias rabujentas, motivaram esta frase a Ruben-Dario: «Ay que ser justo y bueno, D. Miguel». Êste movimento crítico é quanto basta para produzir a erupção azêda de amor-próprio ferido. — O apóstolo da tolerância não tolera o menor ataque; a sua preocupação de independência subjuga-o — responde: «Cuando amigos officiosos me aconsejan que haga linguística y concrete mi labor es cuando cun mayor ahinco me pongo a repasar mis pobres poesias, a verter en ellas mi preciosa libertad».

Êle trabalha e defende a sua impotência como se fôsse um propósito; no seu último livro «Rimas de Dentro», como para prevenir novos ataques que lhe são penosos, afirma com todo o brilho da sua inteligência privilegiada o propósito antiestético e atênico da sua forma.

Porém, estas suas poesias menos duras que «Sonetos líricos» e «Cristo do Velasquez», patenteiam-nos passagens de música rítmica, senão atingida pelo menos rebuscada. Unamuno sofre e pretende vencer a sua impotência, mas o exagerado amor de si mesmo não lhe permite a confissão. Êle afirma perante os censores que prefere a sua poesia, boa ou má, a tôda a produção restante.

Ao dar também pelas suas constantes contradicções defende-as, afirmando: «Entre todos los derechos intimos que tenemos que conquistar, no tanto de las leyes, quanto de las costumbres, no es el menos precioso el inalienable derecho a contradecirme».

A exagerada ambição escraviza-o, atirando-o a pretensões absolutas.

Êle queria libertar a Espanha da «Moral Senequista» e dar-lhe um cristianismo essencial em que a única força unificadora fôsse o amor.

Mas para isto lança-se numa luta ardorosa na qual cada palavra é um castigo, cada frase é um grito dilacerante de revolta e impiedade para todo o adversário da sua causa: a sua eterna contradicção; a resultante lógica do seu exagerado misticismo; a incoerência da sua ambição. Escravo dos seus anseios de liberdade, D. Miguel Unamuno foi um incansável sofredor. Recordo êsse notável estudo do pintor Vasquez Diaz, em que o feroso leão da independência individual é retratado num momento profundo de cansaço psíquico. E hoje, ao recordar as tristes circunstâncias dos últimos dias do orgulhoso vasco, só me acode esta frase: pobre D. Miguel Unamuno, como deve ter sofrido!

João Alberto.